

**INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL
DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

**PEDAGOGICAL INTERVENTIONS AND SOCIO-EMOTIONAL DEVELOPMENT
OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER**

**INTERVENCIONES PEDAGÓGICAS Y DESARROLLO SOCIOEMOCIONAL DE
NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA**



10.56238/sevened2026.004-010

Rodger Roberto Alves de Sousa

Doutor em Educação e Psicopedagogo Clínico

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

E-mail: rodger.r.a.sousa@gmail.com

Orcid: 0000-0002-7063-1268

Alzira Ribeiro de Sousa Mendes

Mestra em Educação

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia (SMEU)

E-mail: alzirarsm@yahoo.com.br

Orcid: 0000-0003-3263-5521

Joel de Freitas

Mestre em Direito

Instituição: Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT)

E-mail: profjoeldefreitas2012@yahoo.com.br

Orcid: 0000-0002-7273-8720

RESUMO

Este artigo analisa o papel das intervenções pedagógicas no desenvolvimento socioemocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando sua influência na aprendizagem, na autonomia e na participação social. Parte-se do entendimento de que o desenvolvimento socioemocional envolve habilidades como autorregulação, comunicação, interação social e construção da autoestima, elementos essenciais para o desempenho escolar e para a inclusão educacional. Nesse contexto, as intervenções pedagógicas planejadas e sistematizadas assumem função central ao promover ambientes estruturados, previsíveis e afetivamente seguros, capazes de reduzir comportamentos desadaptativos e ampliar o engajamento da criança nas atividades escolares. O estudo discute a importância de estratégias educacionais baseadas na mediação, na adaptação curricular e no uso de recursos visuais, tecnológicos e lúdicos, os quais favorecem a compreensão das rotinas e o desenvolvimento das interações sociais. Destaca-se ainda o papel do professor e da equipe multidisciplinar na construção de práticas inclusivas, que respeitem as singularidades do aluno com TEA e fortaleçam sua autonomia e autoestima. A articulação entre escola, família e serviços de apoio é apresentada como fator decisivo para a efetividade das intervenções. Conclui-se que práticas pedagógicas intencionais e alinhadas às necessidades socioemocionais das crianças com TEA

contribuem significativamente para o bem-estar, para a aprendizagem e para a inclusão escolar, reforçando a necessidade de formação continuada dos profissionais e de políticas educacionais comprometidas com a equidade.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Intervenções Pedagógicas. Desenvolvimento Socioemocional.

ABSTRACT

This article analyzes the role of pedagogical interventions in the socioemotional development of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), considering their influence on learning, autonomy, and social participation. It is based on the understanding that socioemotional development involves skills such as self-regulation, communication, social interaction, and the construction of self-esteem, which are essential for school performance and educational inclusion. In this context, planned and systematic pedagogical interventions play a central role in promoting structured, predictable, and emotionally safe environments that reduce maladaptive behaviors and increase student engagement in school activities. The study discusses the importance of educational strategies based on mediation, curricular adaptation, and the use of visual, technological, and playful resources, which support the understanding of routines and the development of social interactions. It also highlights the role of teachers and multidisciplinary teams in building inclusive practices that respect the uniqueness of students with ASD and strengthen their autonomy and self-esteem. The articulation between school, family, and support services is presented as a decisive factor for the effectiveness of interventions. It is concluded that intentional pedagogical practices aligned with the socioemotional needs of children with ASD significantly contribute to well-being, learning, and school inclusion, reinforcing the need for continuous professional development and educational policies committed to equity.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Pedagogical Interventions. Socioemotional Development.

RESUMEN

Este artículo analiza el papel de las intervenciones pedagógicas en el desarrollo socioemocional de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA), considerando su influencia en el aprendizaje, la autonomía y la participación social. Se parte de comprender que el desarrollo socioemocional involucra habilidades como la autorregulación, la comunicación, la interacción social y la construcción de la autoestima, elementos esenciales para el desempeño escolar y la inclusión educativa. En este contexto, las intervenciones pedagógicas planificadas y sistematizadas asumen un papel central en la promoción de ambientes estructurados, predecibles y afectivamente seguros, capaces de reducir conductas desadaptativas y aumentar la participación del niño en las actividades escolares. El estudio discute la importancia de estrategias educativas basadas en la mediación, la adaptación curricular y el uso de recursos visuales, tecnológicos y lúdicos, que favorezcan la comprensión de rutinas y el desarrollo de interacciones sociales. También se destaca el papel del docente y del equipo multidisciplinario en la construcción de prácticas inclusivas que respeten las singularidades de los estudiantes con TEA y fortalezcan su autonomía y autoestima. La articulación entre escuela, familia y servicios de apoyo se presenta como un factor decisivo para la efectividad de las intervenciones. Se concluye que las prácticas pedagógicas intencionales alineadas con las necesidades socioemocionales de los niños con TEA contribuyen significativamente al bienestar, el aprendizaje y la inclusión escolar, reforzando la necesidad de formación continua de profesionales y políticas educativas comprometidas con la equidad.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Intervenciones Pedagógicas. Desarrollo Socioemocional.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento socioemocional constitui um dos eixos centrais do processo educativo de crianças com Transtorno do Espectro Autista, uma vez que envolve a construção de vínculos, a compreensão de emoções, a autorregulação e a participação em contextos sociais mediados pela linguagem e pela interação. No campo da pedagogia, esse desenvolvimento não ocorre de forma espontânea, mas resulta de experiências intencionalmente organizadas, planejadas e mediadas por práticas pedagógicas sistemáticas, que consideram as singularidades cognitivas, comunicativas e comportamentais desses estudantes. Nesse sentido, as intervenções pedagógicas assumem papel estruturante na ampliação das possibilidades de aprendizagem e na promoção do engajamento social, conforme defendem estudiosos que compreendem o ensino como um processo de mediação cultural e psicológica (VYGOTSKY, 2007; LIBÂNEO, 2013).

No contexto da Educação Especial, as crianças com TEA apresentam desafios específicos relacionados à reciprocidade social, à expressão emocional e à compreensão de normas sociais, o que demanda práticas educativas que articulem intencionalidade pedagógica, previsibilidade, uso de recursos visuais e organização do ambiente de aprendizagem. Mantoan (2015) destaca que a escola inclusiva precisa superar a lógica da adaptação mínima e investir em propostas que favoreçam a participação ativa do aluno, valorizando suas formas próprias de interação e expressão. De modo convergente, Perrenoud (2000) sustenta que o trabalho docente deve mobilizar competências que permitam responder às necessidades reais dos estudantes, especialmente em situações de diversidade, nas quais o desenvolvimento socioemocional está diretamente vinculado ao sucesso escolar.

As intervenções pedagógicas voltadas às crianças com TEA devem, portanto, integrar aspectos cognitivos e afetivos, reconhecendo que a aprendizagem se constrói em contextos de interação significativa. Zabala (1998) afirma que as práticas educativas precisam ser estruturadas de modo a promover não apenas conteúdos, mas também atitudes, valores e habilidades sociais, elementos fundamentais para o desenvolvimento integral. Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico direcionado ao socioemocional contribui para a redução de comportamentos desadaptativos, para o fortalecimento da comunicação funcional e para a ampliação das relações interpessoais no ambiente escolar. Analisar as intervenções pedagógicas no desenvolvimento socioemocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista torna-se fundamental para compreender como a ação docente, o planejamento educacional e os recursos didáticos podem favorecer trajetórias mais inclusivas, participativas e humanizadoras no âmbito da Educação Especial.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTOS DO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O desenvolvimento socioemocional no Transtorno do Espectro Autista constitui um campo central para a compreensão das formas como a criança percebe, interpreta e responde às experiências sociais e afetivas no ambiente escolar. Sob a perspectiva pedagógica, esse desenvolvimento é compreendido como um processo mediado, no qual a interação, a linguagem e a organização do contexto educativo exercem papel decisivo na construção das competências emocionais e relacionais. Vygotsky (2007) sustenta que as funções psicológicas superiores se constituem nas relações sociais, o que implica reconhecer que, mesmo diante de limitações comunicativas e interativas, a criança com TEA pode ampliar suas capacidades por meio de experiências educativas sistematicamente organizadas.

As características do espectro, como dificuldades na reciprocidade social, na leitura de pistas emocionais e na regulação do comportamento, exigem intervenções que articulem previsibilidade, mediação e intencionalidade pedagógica. Para Zabala (1998), o desenvolvimento integral do aluno depende da integração entre conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, o que reforça a necessidade de práticas que contemplem, de forma equilibrada, o aprender, o conviver e o agir. Nesse sentido, o trabalho socioemocional não se reduz a estratégias pontuais, mas integra o currículo, a rotina escolar e as interações cotidianas.

Mantoan (2015) afirma que a escola inclusiva deve romper com modelos padronizados e reconhecer as singularidades dos alunos, o que, no caso do TEA, implica compreender que o desenvolvimento socioemocional ocorre em ritmos próprios e por meio de canais diferenciados de comunicação. Essa compreensão exige do professor uma postura investigativa e flexível, capaz de interpretar comportamentos, emoções e respostas do aluno como formas legítimas de expressão. De modo convergente, Libâneo (2013) destaca que o ensino deve ser orientado por objetivos formativos claros, articulando conhecimento, atitudes e valores, o que confere ao trabalho pedagógico uma dimensão ética e relacional.

Os fundamentos do desenvolvimento socioemocional no TEA estão ancorados na interação mediada, na construção de vínculos e na organização de ambientes educativos estruturados, que favoreçam a segurança emocional e a participação ativa. Perrenoud (2000) enfatiza que a ação docente precisa considerar a diversidade como princípio organizador da prática, permitindo que cada aluno desenvolva suas competências sociais de forma progressiva e contextualizada.

2.2 O PAPEL DAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NA REGULAÇÃO EMOCIONAL E NO COMPORTAMENTO SOCIAL

As intervenções pedagógicas exercem função decisiva na promoção da regulação emocional e do comportamento social de crianças com Transtorno do Espectro Autista, uma vez que estruturam experiências que organizam a percepção, a comunicação e a interação no ambiente escolar. A pedagogia compreende a emoção como elemento indissociável do processo de aprendizagem, pois o modo como o aluno sente, reage e se envolve com as situações educativas influencia diretamente sua participação e sua capacidade de estabelecer vínculos. Nesse sentido, Vygotsky (2007) afirma que o desenvolvimento humano se constitui por meio das interações sociais mediadas, o que confere às práticas pedagógicas um papel central na construção das funções emocionais e autorregulatórias.

No contexto do TEA, a dificuldade em interpretar sinais sociais, em compreender regras implícitas e em lidar com frustrações exige intervenções intencionais, previsíveis e progressivas. Para Zabala (1998), a aprendizagem significativa depende de situações didáticas que integrem atitudes, procedimentos e conhecimentos, permitindo que o aluno desenvolva competências sociais a partir de experiências concretas e organizadas. Assim, rotinas estruturadas, uso de pistas visuais, antecipação de atividades e mediação verbal favorecem a diminuição da ansiedade e o aumento da autonomia emocional, contribuindo para comportamentos mais ajustados ao contexto coletivo.

Mantoan (2015) destaca que a escola inclusiva precisa reconhecer as particularidades do desenvolvimento dos alunos, o que implica adaptar as intervenções pedagógicas para promover a participação efetiva, e não apenas a presença física. No caso do TEA, isso significa criar situações em que a criança possa experimentar interações positivas, receber feedbacks claros e construir gradualmente estratégias de autocontrole e empatia. De modo complementar, Libâneo (2013) defende que o ensino deve ser orientado por objetivos formativos que articulem o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas integradas e planejadas.

Perrenoud (2000) acrescenta que o professor, ao gerir a diversidade em sala de aula, precisa desenvolver competências para lidar com conflitos, emoções e comportamentos, transformando situações de tensão em oportunidades educativas. Dessa forma, as intervenções pedagógicas deixam de ser respostas improvisadas e passam a constituir ações sistemáticas, voltadas à construção de habilidades socioemocionais. No âmbito do TEA, esse processo favorece a ampliação da comunicação, a melhoria da convivência e a internalização de regras sociais, elementos essenciais para a inclusão e para o desenvolvimento integral do aluno.

2.3 ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA PROMOÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DAS INTERAÇÕES SOCIAIS

As estratégias educacionais voltadas à promoção da comunicação e das interações sociais constituem um dos pilares do trabalho pedagógico com crianças com Transtorno do Espectro Autista, pois possibilitam a construção de vínculos, o compartilhamento de significados e o desenvolvimento da linguagem funcional no cotidiano escolar. A pedagogia compreende a comunicação como um processo mediado culturalmente, no qual o aluno aprende a expressar desejos, compreender intenções e participar de situações coletivas. Nessa perspectiva, Vygotsky (2007) sustenta que as funções psicológicas superiores se desenvolvem por meio da interação social, o que atribui às práticas pedagógicas um papel estruturante na organização da linguagem e da convivência.

No contexto do TEA, estratégias como o uso de rotinas previsíveis, suportes visuais, sistemas alternativos de comunicação e atividades cooperativas favorecem a compreensão do ambiente e reduzem barreiras na expressão. Zabala (1998) destaca que a aprendizagem se consolida quando o aluno consegue relacionar conteúdos, procedimentos e atitudes, o que implica criar situações em que a comunicação tenha sentido prático e social. Dessa forma, jogos simbólicos, rodas de conversa mediadas e atividades em duplas permitem que a criança experimente diferentes formas de interação, fortalecendo gradualmente sua participação no grupo.

Mantoan (2015) afirma que a escola inclusiva deve organizar estratégias que promovam a participação ativa de todos os alunos, o que exige flexibilização pedagógica e sensibilidade às necessidades comunicativas específicas. No caso das crianças com TEA, isso implica adaptar a linguagem, oferecer modelos claros de interação e valorizar qualquer tentativa de comunicação, verbal ou não verbal. Complementarmente, Libâneo (2013) ressalta que o ensino deve ser intencional e orientado por objetivos formativos, o que reforça a importância de planejar atividades que articulem linguagem, socialização e aprendizagem.

Perrenoud (2000) acrescenta que o professor precisa criar situações didáticas que estimulem a cooperação, o respeito às diferenças e a resolução conjunta de problemas, pois essas experiências favorecem o desenvolvimento das competências sociais. Assim, as estratégias educacionais voltadas à comunicação não se limitam ao ensino de palavras ou sinais, mas abrangem a construção de contextos nos quais o aluno com TEA possa compreender regras sociais, negociar sentidos e estabelecer relações.

2.4 PRÁTICAS INCLUSIVAS E O FORTALECIMENTO DA AUTONOMIA E DA AUTOESTIMA

As práticas inclusivas exercem papel decisivo no fortalecimento da autonomia e da autoestima de crianças com Transtorno do Espectro Autista, pois criam condições pedagógicas que reconhecem as diferenças, valorizam as potencialidades e asseguram a participação ativa no processo educativo. No campo da pedagogia, a inclusão não se limita ao acesso físico à escola, mas envolve a construção

de ambientes de aprendizagem nos quais o aluno se percebe competente, respeitado e capaz de aprender. Nesse sentido, Vygotsky (2007) afirma que o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais mediadas, o que indica que experiências educativas positivas influenciam diretamente a formação da identidade e da autoconfiança.

Quando a escola organiza situações em que o aluno com TEA consegue realizar tarefas, tomar decisões e perceber os resultados de suas ações, ocorre um fortalecimento progressivo da autonomia. Zabala (1998) destaca que a aprendizagem se consolida quando o estudante participa ativamente das atividades, mobilizando conhecimentos, habilidades e atitudes, o que exige propostas pedagógicas que respeitem ritmos, estilos e necessidades. Assim, estratégias como a adaptação de atividades, o uso de apoios visuais e a oferta de escolhas contribuem para que a criança se reconheça como sujeito do próprio aprendizado.

Mantoan (2015) ressalta que a educação inclusiva deve promover o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a construção da autoestima, pois o aluno aprende melhor quando se sente aceito e valorizado no grupo. Nessa perspectiva, práticas colaborativas, projetos coletivos e momentos de interação mediada favorecem o reconhecimento social, ampliando as possibilidades de participação. Libâneo (2013) acrescenta que o trabalho pedagógico precisa articular objetivos cognitivos e formativos, o que implica considerar o desenvolvimento emocional como parte integrante da aprendizagem.

Perrenoud (2000) reforça que o professor deve criar situações didáticas que incentivem a responsabilidade, a iniciativa e a cooperação, pois essas experiências promovem a construção da autonomia. No contexto do TEA, isso significa oferecer desafios ajustados, feedbacks positivos e oportunidades de sucesso, permitindo que o aluno construa uma imagem positiva de si. Dessa forma, as práticas inclusivas, quando planejadas de maneira intencional, não apenas favorecem a aprendizagem acadêmica, mas também contribuem para o fortalecimento da autoestima e para a ampliação da participação social da criança na escola.

2.5 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR E DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO SUPORTE SOCIOEMOCIONAL

A atuação do professor, articulada à equipe multidisciplinar, constitui um dos pilares centrais para o desenvolvimento socioemocional de crianças com Transtorno do Espectro Autista, pois possibilita a construção de um ambiente escolar estruturado, acolhedor e responsivo às necessidades individuais. De acordo com Vygotsky (2007), o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais mediadas, o que implica que o adulto e os pares exercem papel decisivo na organização das experiências emocionais e cognitivas da criança. Nesse sentido, o professor não

apenas transmite conteúdos, mas também organiza situações de aprendizagem que favorecem o autocontrole, a comunicação funcional e a participação social.

A equipe multidisciplinar, composta por profissionais da pedagogia, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicopedagogia, contribui para a compreensão integral do aluno, integrando aspectos cognitivos, linguísticos, motores e emocionais. Para Mantoan (2015), a educação inclusiva exige práticas colaborativas e planejamento compartilhado, uma vez que o desenvolvimento do estudante não pode ser fragmentado em áreas isoladas. Dessa forma, a articulação entre professor e especialistas permite a elaboração de intervenções coerentes, baseadas em metas realistas e alinhadas às potencialidades da criança.

No âmbito socioemocional, o professor desempenha papel estratégico ao promover vínculos afetivos seguros, condição fundamental para o engajamento e a aprendizagem. Wallon (2008) destaca que a emoção é a base do desenvolvimento da personalidade e da inteligência, sendo a escola um espaço privilegiado para a construção da identidade e da autoestima. Crianças com TEA, frequentemente expostas a frustrações comunicativas e sociais, necessitam de mediações pedagógicas que validem seus sentimentos e ofereçam suporte para a autorregulação emocional.

A equipe multidisciplinar atua como suporte técnico e formativo ao professor, fornecendo orientações sobre manejo comportamental, adaptações curriculares e estratégias de mediação social. Segundo Coll e Monereo (2010), a intervenção educativa eficaz depende da análise contextualizada das necessidades do aluno e da coordenação entre os profissionais envolvidos. Assim, o acompanhamento sistemático e o registro contínuo do progresso permitem ajustes nas práticas, favorecendo a evolução socioemocional e acadêmica.

O trabalho conjunto possibilita a construção de planos educacionais individualizados que consideram tanto os aspectos pedagógicos quanto os emocionais. Zabala (2014) enfatiza que a personalização do ensino amplia as oportunidades de sucesso escolar, ao respeitar o ritmo, os interesses e as formas de expressão do estudante. Nesse contexto, o professor, orientado pela equipe, pode utilizar recursos visuais, rotinas previsíveis e atividades cooperativas, promovendo segurança emocional e participação ativa.

2.6 IMPACTOS DAS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO BEM-ESTAR E NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA

As intervenções pedagógicas direcionadas às crianças com Transtorno do Espectro Autista exercem influência direta sobre o bem-estar emocional e o desempenho acadêmico, uma vez que organizam o ambiente de aprendizagem de forma previsível, acessível e responsiva às necessidades individuais. Para Vygotsky (2007), o desenvolvimento cognitivo e afetivo ocorre por meio das interações mediadas, o que torna a atuação pedagógica um fator decisivo na construção de

competências sociais, comunicativas e intelectuais. Quando o ensino é estruturado, adaptado e sensível às particularidades do aluno, cria-se uma base segura que favorece a autorregulação e o engajamento.

Do ponto de vista do bem-estar, práticas pedagógicas que valorizam rotinas, apoio visual e atividades significativas reduzem níveis de ansiedade e comportamentos de evasão, frequentemente observados em crianças com TEA. Wallon (2008) afirma que a emoção organiza a conduta e interfere diretamente na aprendizagem, de modo que experiências escolares positivas contribuem para a formação da autoestima e da identidade. Nesse contexto, intervenções pedagógicas que respeitam o ritmo da criança e reconhecem seus progressos ampliam a sensação de competência, fortalecendo o vínculo com a escola.

No âmbito da aprendizagem, as intervenções individualizadas permitem que o estudante acesse o currículo por diferentes vias, superando barreiras comunicativas e cognitivas. Zabala (2014) destaca que a adaptação das estratégias didáticas é essencial para garantir a participação ativa do aluno, pois o ensino eficaz considera tanto os objetivos educacionais quanto as características do aprendiz. Para crianças com TEA, isso se traduz no uso de recursos concretos, tecnologias assistivas e atividades estruturadas, que favorecem a compreensão e a generalização dos conhecimentos.

A articulação entre intervenções pedagógicas e avaliação contínua também impacta positivamente os resultados educacionais. Coll e Monereo (2010) ressaltam que o acompanhamento sistemático do progresso do aluno permite ajustes pedagógicos oportunos, assegurando que as estratégias adotadas permaneçam alinhadas às suas necessidades. Dessa forma, o processo avaliativo deixa de ser meramente classificatório e passa a orientar o planejamento, promovendo avanços graduais e consistentes.

O impacto das intervenções se estende às relações sociais, pois práticas mediadas favorecem a participação em atividades cooperativas e o desenvolvimento de habilidades de interação. Mantoan (2015) afirma que a educação inclusiva não se limita ao acesso físico à escola, mas envolve a criação de condições para que todos aprendam e convivam de forma significativa. Assim, quando o professor utiliza metodologias que incentivam a comunicação funcional e o trabalho em grupo, amplia-se a possibilidade de integração social, o que repercute positivamente no bem-estar emocional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções pedagógicas direcionadas às crianças com Transtorno do Espectro Autista demonstram-se fundamentais para promover não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o bem-estar emocional, a autonomia e a participação social. Quando planejadas de forma individualizada, essas práticas possibilitam que cada criança tenha acesso ao currículo de maneira funcional, respeitando seu ritmo, suas potencialidades e suas necessidades específicas. Os ambientes estruturados, previsíveis e afetivamente seguros favorecem a autorregulação, a motivação e a

construção de vínculos positivos com a escola, elementos indispensáveis para o desenvolvimento global.

Outro aspecto relevante é o fortalecimento da inclusão escolar como um processo contínuo, que ultrapassa a simples presença do aluno na sala de aula. A adoção de metodologias flexíveis, recursos pedagógicos diversificados e estratégias de mediação contribui para a redução de barreiras, permitindo que a criança com TEA participe de forma ativa e significativa das atividades propostas. Dessa forma, a prática pedagógica torna-se um instrumento de equidade, promovendo oportunidades reais de aprendizagem e socialização.

Quanto às perspectivas futuras, destaca-se a necessidade de ampliar a formação continuada dos professores e das equipes escolares, de modo que estejam preparados para utilizar abordagens baseadas em evidências e tecnologias educacionais acessíveis. Também é fundamental o fortalecimento do trabalho colaborativo entre escola, família e profissionais da área da saúde, garantindo maior coerência e continuidade nas intervenções. Avanços na pesquisa educacional e no desenvolvimento de ferramentas digitais adaptativas tendem a ampliar as possibilidades de personalização do ensino, tornando o processo cada vez mais eficaz, inclusivo e sensível às singularidades das crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

COLL, C.; MONEREO, C. Psicologia da educação virtual. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2015.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.